

Atena
Editora
Ano 2021



Ciência Política: Poder e Establishment

Elói Martins Senhoras
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021



Ciência Política: Poder e Establishment

Elói Martins Senhoras
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciência política: poder e establishment / Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-784-0

DOI 10.22533/at.ed.840211002

1. Ciência política. 2. Poder. 3. Establishment. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II. Título.

CDD 320

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O campo epistemológico das Ciências Políticas possui uma incremental evolução histórica nos últimos cinco séculos permeada por uma crescente absorção e replicação de métodos, teorias e conceitos para a análise do poder e das ações políticas, razão pela qual é identificado por uma pluralidade de influências e enfoques propositivos.

Partindo da ampla capacidade dialógica de um campo científico relativamente aberto à pluralidade dialógica, o presente livro “Ciência Política: Poder e *Establishment*” apresenta uma instigante agenda de diferenciados estudos políticos sobre um conjunto amplo de temas da realidade política internacional e nacional.

O objetivo desta obra é apresentar a riqueza do campo científico das ciências políticas a partir de uma abrangente agenda de estudos que valoriza a pluralidade temática, metodológica e teórica para analisar a realidade do poder e da ação política humana em diferentes escalas espaciais e periodizações temporais.

Fruto de um trabalho coletivo desenvolvido por um conjunto de praticamente duas dezenas de pesquisadoras e pesquisadores, oriundos das macrorregiões do Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil, bem como da Colômbia, este livro faz um imersivo estudo sobre distintas realidades políticas com base em diferenciadas experiências e formações profissionais ligadas diretamente ou indiretamente ao campo das Ciências Políticas.

Estruturado em 15 capítulos, este livro apresenta relevantes pesquisas que coadunam de uma mesma lógica dedutiva, partindo da abstração teórica no campo epistemológico da Ciência Política até chegar à empiria de estudos de caso, embora trazendo uma pluralidade de diferentes recortes histórico-teórico-metodológicos para a análise.

A natureza exploratória, descritiva e explicativa dos estudos do presente livro combina distintas abordagens qualitativas, paradigmas teóricos e recortes metodológicos de levantamento e análise de dados, os quais proporcionam uma imersão aprofundada em uma agenda eclética de estudos.

Os diferenciados debates apresentados nesta eclética obra foram aglutinados em quadro grandes eixos temáticos, identificados respectivamente por relevantes agendas contemporâneas de estudos sobre as relações internacionais, relações intergovernamentais, aparelho de estado, sistemas de governança, bem como participação e contestação política.

Alicerçado na pluralidade do pensamento, no estado da arte e na capacidade dialógica dos estudos com a fronteira do conhecimento no campo das Ciências Políticas, este livro traz significativos subsídios para analisar e interpretar a realidade contemporânea do local ao internacional, propiciando uma rica experiência teórica e metodológica para um amplo público de leitores.

Excelente leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AMÉRICA LATINA: ENTRE O PASSADO E O PRESENTE COLONIAL Raphael Colvara Pinto DOI 10.22533/at.ed.8402110021	
CAPÍTULO 2	10
LE ÉLITE POLÍTICA COLOMBIANA Y EL DEBATE DE LAS REGALÍAS PARA CIENCIA Y TECNOLOGÍA. ¿DISTRIBUCIÓN DE UNA RENTA O DESARROLLO BASADO EN EL CONOCIMIENTO? Ricardo Gómez Giraldo DOI 10.22533/at.ed.8402110022	
CAPÍTULO 3	20
A CONSTRUÇÃO DO REGIME INTERNACIONAL PARA REFUGIADOS: DESAFIOS E OBSTÁCULOS EXISTENTES NO BRASIL Camila Santos Barros Moura DOI 10.22533/at.ed.8402110023	
CAPÍTULO 4	31
COMO LEGITIMAR UMA OCUPAÇÃO: A INTERVENÇÃO ESTADUNIDENSE NO IRAQUE NA PERSPECTIVA DA VEJA (2003) Juan Filipi Garcês DOI 10.22533/at.ed.8402110024	
CAPÍTULO 5	41
QUEM SE IMPORTA COM TAIWAN? NOVAS PERSPECTIVAS Vinícius Azevedo Barbosa DOI 10.22533/at.ed.8402110025	
CAPÍTULO 6	53
LEGITIMIDADE ESTATAL E DILEMAS DA MODERNIDADE. A MCDONALDIZAÇÃO DO ESTADO MODERNO E OS SEUS IMPACTOS NA RECONFIGURAÇÃO DO CONTRATO SOCIAL Sérgio Czajkowski Júnior DOI 10.22533/at.ed.8402110026	
CAPÍTULO 7	65
IDEIAS E INTERESSES NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DOS GOVERNOS ESTADUAIS Vinicius Boechat Tinoco DOI 10.22533/at.ed.8402110027	
CAPÍTULO 8	77
A RELAÇÃO EXECUTIVO-LEGISLATIVO NA ESFERA LOCAL: O CASO DO MUNICÍPIO DE BAIÃO (PARÁ) NOS GOVERNOS JANDIRA (2005-2008) E SACI (2009-2012) Marcos Antonio Barros Pina Junior	

Fabio Alessandro Xavier de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.8402110028

CAPÍTULO 9..... 95

A CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL DA REGIÃO METROPOLITANA DE SOROCABA E DE SEUS MUNICÍPIOS - UMA CONTRIBUIÇÃO À GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE DESENVOLVIMENTO

Francisco Carlos Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.8402110029

CAPÍTULO 10..... 111

INTERSETORIALIDADE, CONTROLE PÚBLICO E SAÚDE: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ATORES DA DÉCIMA QUINTA CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE

Eduardo Moreira da Silva

Danúbia Godinho Zanetti

Ciro Antônio da Silva Resende

DOI 10.22533/at.ed.84021100210

CAPÍTULO 11..... 128

A OFENSIVA EMPRESARIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: METAMORFOSES DO “TERCEIRO SETOR”

Adelaide Ferreira Coutinho

DOI 10.22533/at.ed.84021100211

CAPÍTULO 12..... 141

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO POLÍTICA ATRAVÉS DO DISCURSO DE ÓDIO E DA POLARIZAÇÃO NA DEMOCRACIA

Ana Paula Schneider da Silva

Fernanda Viana Falkoski

DOI 10.22533/at.ed.84021100212

CAPÍTULO 13..... 146

NEM TODA LEGALIDADE É JUSTA, NEM TODO ESTADO É DE DIREITO DEMOCRÁTICO: O GOLPE DA JUSTIÇA INÍQUA, PARCIAL E ARBITRARIA

Nila Michele Bastos Santos

DOI 10.22533/at.ed.84021100213

CAPÍTULO 14..... 153

MINERAÇÃO E CONFLITOS PELA POSSE DA TERRA EM CANAÃ DOS CARAJÁS: O CASO DO ACAMPAMENTO PLANALTO SERRA DOURADA

Marcelo Melo dos Santos

Thiago Martins da Cruz

Rafael Rodrigues Lopes

DOI 10.22533/at.ed.84021100214

CAPÍTULO 15..... 165

PROGRAMA JOVEM APRENDIZ COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO

SOCIOECONÔMICO ENTRE GAROTAS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

João Victor Mendes Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.84021100215

SOBRE O ORGANIZADOR..... 176

ÍNDICE REMISSIVO..... 177

CAPÍTULO 9

A CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL DA REGIÃO METROPOLITANA DE SOROCABA E DE SEUS MUNICÍPIOS - UMA CONTRIBUIÇÃO À GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE DESENVOLVIMENTO

Data de aceite: 01/02/2021

Francisco Carlos Ribeiro

Centro Paula Souza-Faculdade de Tecnologia
José Crespo Gonzales-Fatec Sorocaba

Texto extraído do Relatório de Pesquisa de mesmo nome, com algumas adaptações. Faço correção aqui a um lapso ocorrido no relatório mesmo após inúmeras revisões: a ausência no relatório, nas referências, à Fundação SEADE e IBGE mesmo usando e referenciando ao longo do texto ambas, importantes base de dados.

RESUMO: O presente capítulo busca chamar à atenção o quanto cada município da Região Metropolitana de Sorocaba é sensível a crise no setor industrial. Seu estudo principal, que deu origem a este capítulo, foi baseado na dependência do setor para a geração de valor adicionado e nos empregos. Usando o Valor de Transformação Industrial e o índice de Herfindahl-Hirschman, foram medidas as concentrações da Indústria nos segmentos contidos na Classificação CNAE 2.0, cujos valores de transformação industrial estavam disponíveis. Foram divididos em tercias e classificados como: municípios mais sensíveis a crise na Indústria; relativamente sensíveis (ou relativamente mais resilientes) e municípios menos sensíveis (ou mais resilientes). O trabalho também contextualizou a Região Metropolitana de Sorocaba face às demais Regiões Metropolitanas e identificou ser a Região Metropolitana de Sorocaba a segunda

região metropolitana menos sujeita à crise do setor industrial, face à sua diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Região Metropolitana de Sorocaba. Concentração Industrial. Desenvolvimento Regional e Urbano. Economia Regional e Urbana.

THE INDUSTRIAL CONCENTRATION OF THE METROPOLITAN REGION OF SOROCABA AND ITS MUNICIPALITIES - A CONTRIBUTION FOR DEVELOPING PUBLIC POLICIES MANAGEMENT

ABSTRACT: This chapter seeks to draw attention to the extent to which each municipality in the Metropolitan Region of Sorocaba is sensitive to the crisis in the industrial sector. The original study, which gave rise to this chapter, was based on the sector's dependence on the generation of added value and on jobs. Using the Industrial Transformation Value and the Herfindahl-Hirschman index, we have measured the Industry concentrations in the segments contained in the CNAE Classification 2.0, whose industrial transformation values were available. They were divided into terciles and classified as: municipalities more sensitive to the crisis in the industry; relatively sensitive (or relatively more resilient) and less sensitive (or more resilient) municipalities. The work also contextualized the Metropolitan Region of Sorocaba compared to the other Metropolitan Regions, and identified that the Metropolitan Region of Sorocaba is the second metropolitan region least subject to the crisis of the industrial sector, given its diversity.

KEYWORDS: Metropolitan Region of Sorocaba. Industrial Concentration. Urban and Regional

1 | INTRODUÇÃO

O objetivo deste capítulo, fruto da pesquisa de mesmo nome desenvolvida ao longo do ano de 2019, foi aprofundar a pesquisa desenvolvida sobre a Indústria na Região Metropolitana de Sorocaba e o autor deste, junto com outros pesquisadores, já vinha analisando o quanto cada município era dependente da Indústria¹.

A vulnerabilidade-sensibilidade a crise na e da Indústria dos municípios e mesmo da Região Metropolitana aumenta ou diminui quando ocorrem as seguintes situações: a) situação mais grave: alta dependência e alta concentração; b) situação mais amena: alta dependência, mas boa distribuição ou alta concentração, mas, pouca dependência e c) situação resiliente: baixa dependência, mas alta concentração ou baixa dependência e baixa concentração. Assim variam os graus de sensibilidade.

Pudemos constatar, pela metodologia que explicaremos, que a Região Metropolitana de Sorocaba é a segunda menos sujeita às crises na Indústria.

Olhando para dentro da Região Metropolitana de Sorocaba se observam municípios com grande fragilidade para crise na Indústria, com destaque para os municípios de Alumínio e Mairinque.

Conhecer essas potencialidades e fragilidades face à Indústria é uma ferramenta importante e foi isso que a pesquisa buscou: o aprofundamento do entendimento dessas fragilidades.

Como aponta Korzybsky, “O mapa não é o Território” (1958, p. 58), mas tentar conhecê-lo através dos dados disponíveis permite um bom mapa para o planejamento.

2 | DA METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA

2.1 Sensibilidade a crise na Indústria: considerações metodológicas

Como é possível ver nas Tabela 1, a RMS é a terceira Região Metropolitana mais dependente da Indústria para geração de valor adicionado², ou seja, a terceira mais industrial, de modo que o bom desempenho desse setor tem influência significativa na riqueza da Região.

1 A Pesquisa anterior gerou, dentre alguns produtos, o artigo “Indústria da Região Metropolitana de Sorocaba. Uma análise de vulnerabilidade setorial” apresentado no XVII Ciclo de Debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia, 2019 na PUC-SP em 2019.

2 Em 2015 era a segunda.

Regiões Metropolitanas	Participação da Indústria no Total do Valor Adicionado (Em %)
R.M. do Vale do Paraíba e Litoral Norte	40,54
R.M. de Campinas	34,47
R.M. de Sorocaba	30,09
R.M. de Ribeirão Preto	21,54
R.M. da Baixada Santista	21,24
R.M. de São Paulo	14,34

Tabela 1 - Participação da Indústria no valor adicionado nas regiões metropolitanas no estado de São Paulo-2017

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados SEADE.

Por outro lado, a importância de cada segmento industrial é dada pela sua participação relativa no valor total da transformação industrial.

Normalmente, quanto mais significativo o Valor de Transformação Industrial, maior tende a ser o Valor Adicionado Industrial, embora haja variações setoriais importantes.

O VTI (valor da transformação industrial) é dado por: Valor Bruto da Produção Industrial, menos Custos das Operações Industriais ($VTI = VBPI - COI$), já o VA (Valor Adicionado) é dado por: Valor Bruto da Produção, menos Consumo Intermediário ($VA = VBP - CI$). O Valor Bruto da Produção Industrial e o Valor Bruto da Produção frequentemente são próximos, sendo a diferença entre ambos dada pela diferença entre o COI (Custo das Operações Industriais) e o CI (Consumo intermediário). Em algum segmento tal diferença pode ser significativa, mas, em média, o VA e o VTI se aproximam. Assim, frequentemente, maior VTI tende a significar maior Valor Adicionado Industrial.³

Considerando as tabelas 2 e 3, percebe-se que, analisar o valor de transformação industrial, portanto, analisar a Indústria de transformação, é uma boa aproximação para prever o comportamento do setor industrial como um todo, além do que, a Indústria de transformação responde significativamente para a geração do PIB industrial. Observando:

³ A gratidão deste autor à Equipe do IBGE, representada por Joyce Santos de Miranda que, didaticamente, exemplificou as diferenças técnicas e minúcias, sobre o VA (Valor Adicionado) e O VTI (Valor de Transformação Industrial) e as suas relativas correlações e limitações.. Também registra a gratidão à Vagner Carvalho Bessa, Gerente (Gerência Econômica) – da Diretoria Adjunta de Análise e Disseminação de Informações da Fundação SEADE, pela sugestão e orientação para usar o valor de transformação industrial, que resultou num relatório de pesquisa mais robusto.

Situação do Domicílio	2014	2015	2016
Setor Industrial	23,8	22,5	21,2
Indústria de Transformação	12,0	12,2	11,9
Indústria Extrativa	3,7	2,1	1,1
Construção Civil	6,2	5,7	5,4
Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos	1,9	2,4	2,7

Tabela 2 - Setor Industrial. Participação PIB % – Brasil

Fonte: IBGE – Contas Nacionais Trimestrais Extraídas de Ribeiro et. al. 2019

Nota: *Transcrito da fonte, diferença provavelmente de arredondamentos.

Dados de peso percentual trabalhados pelos autores.

Participação % PIB do Setor Industrial no estado de São Paulo	2013	2014	2015
Setor Industrial	22,76	22,01	21,93
Indústria de Transformação	15,2	14,85	14,78
Indústria Extrativa	0,51	0,72	0,53
Construção Civil	5,63	5,25	5,00
Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos	1,42	1,19	1,62

Tabela 3- Participação % do Setor Industrial no PIB –Estado de São Paulo

Fonte: Elaborado pelos autores, com base nos dados do SEADE. (2017). Extraído de Ribeiro et. al. 2019

Como se pode perceber, a Indústria de transformação responde pela maior parte da participação do setor industrial do PIB. Ou seja, em 2015 no Brasil, representava 11,9 dos 21,2, o que significa que 56,13% da participação do setor industrial no PIB, e no estado de São Paulo, representava 14,78 dos 21,93 ou 67,40%.

Observando-se os empregos, temos:

Setor Industrial: Empregos em 2017	Empregos	Peso %
Setor Industrial	10.109.171	26,38
Indústria de Transformação	7.258.299	18,94
Indústria Extrativa	193.487	0,50
Construção Civil	2.243.702	5,86
Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos	413.683	1,08

Tabela 4- Empregos no Setor Industrial em 2017 – Brasil

Fonte: Caged-(2017) - Perfil do Município. Elaborado pelos autores. Extraído de Ribeiro et al. 2019. No original, erro de digitação: 21,08 ao invés de 1,08.

Setor Industrial: Empregos no estado de São Paulo em 2017	Empregos	Peso %
Setor Industrial	3.117.712	26,14
Indústria de Transformação	2.405.227	20,17
Indústria Extrativa	17.835	0,15
Construção Civil	589.004	4,94
Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos	105.646	0,89

Tabela 5 - Empregos no Setor Industrial em 2017 – estado de São Paulo

Fonte: CAGED-MTE. (2017). Elaborado pelos autores. Extraído de Ribeiro et al. 2019

Da mesma maneira que na participação do PIB industrial, a Indústria de transformação, dos 26,38% dos empregos do Brasil, o qual o setor industrial representa, desses 18,94% vem da Indústria de transformação, ou seja 71,80% dos empregos industriais vem dela. No caso de São Paulo, dos 26,14% dos empregos que o setor industrial representa, 20,17% vem da Indústria de transformação, ou seja 77,16%.

Assim, analisar a dependência do setor industrial para a composição do PIB e dos empregos, tendo por base a Indústria de transformação, é uma referência bastante confiável dada a significância dessa Indústria.

No artigo “Indústria da Região Metropolitana de Sorocaba. Uma análise de vulnerabilidade setorial” (2019), olhou-se para dentro da Região Metropolitana de Sorocaba e foi estabelecida a seguinte lógica:

Assim, resolveu-se prospectar o grau de “vulnerabilidade setorial” usando basicamente o volume do valor adicionado e de empregos, dividindo em quartis, apontando os municípios da região, quem se enquadra no intervalo

do primeiro quartil (valor do setor industrial significando até 25% do PIB e ou dos empregos) como tendo baixa dependência; até o segundo quartil, significativa dependência (até 50%); acima de 50%, ou seja, a partir do terceiro quartil alta dependência. (RIBEIRO et al., 2019, p. 14)

E mais à frente:

Considerando o valor adicionado e a geração de empregos (via efeito multiplicador do consumo) como as duas variáveis mais importantes e, se atribuirmos, como experimento metodológico, peso aleatório de 0,6 para o valor adicionado e 0,40 para o volume de empregos, encontrou-se um número para criar um ranqueamento [...] (RIBEIRO et al., 2019 p. 18)

Assim, neste artigo, já se parte de uma metodologia de ranqueamento para verificar os mais e menos industriais dentro da Região Metropolitana de Sorocaba.

Para medir a sensibilidade às crises, foi seguida, entretanto, a seguinte lógica: Quanto mais concentrada estiver, a Indústria em um ou poucos setores, maior o risco de a sua população sofrer os impactos de uma crise da Indústria, pois aumentam as chances desses poucos segmentos entrarem em crise conjuntamente, mesmo com probabilidades distintas. Por outro lado, quanto mais diversificada for a Indústria em vários segmentos, as chances de a população sofrer os impactos da crise na Indústria ficam sobremaneira reduzidas, dado que a diversificação dificulta ou relativiza os impactos da crise, uma vez que nem todos os segmentos estarão em dificuldades econômicas.

Evidentemente, o setor industrial como um todo pode entrar em crise⁴, mas quanto mais distribuída for a Indústria, maiores os graus de liberdade para que os efeitos dessa crise possam ser contrabalançados ou mitigados.

Usou-se a mesma lógica para empregos. Quanto mais concentrados em um ou poucos segmentos os empregos estiverem alocados, maiores as chances de que, ocorrendo crise nesses segmentos, haja significativo impacto no emprego e bem-estar da população. E, evidentemente, quanto mais diversificada for a Indústria, menores os riscos de grandes crises ou, ao menos, a crise fica mitigada. Foi utilizado o CNAE 2.0 Divisão para o levantamento de dados.

2.2 O Índice de Herfindahl-Hirschman

A Professora Anita Kon, em seu livro Economia Industrial, ensina a respeito do Índice de Herfindahl-Hirschman:

Define-se pela soma dos quadrados da participação de cada firma em relação ao tamanho total da Indústria e leva em conta todas as firmas da Indústria.

$$H = \sum_{i=1}^n P_i^2$$

⁴ Que é o caso da Pandemia de Covid 19 que atinge todos os setores. Mas em condições normais, a lógica prevalece. Mas, mesmo em caso de Pandemia, quanto mais distribuída, principalmente pela composição de produtos inelásticos, a crise pode ficar mitigada.

Quando existe apenas uma firma na Indústria, o índice assume o valor máximo da unidade; quando as firmas têm participação igualitária, o índice assume seu menor valor de $1/n$, o valor do índice aumenta com o crescimento da desigualdade entre qualquer número de firmas, sendo, portanto, um bom indicador da situação do mercado, também em comparações intertemporais. Pelo fato de Pi ser elevado ao quadrado, o tamanho relativo das firmas é levado em conta, ou seja, as menores firmas contribuem menos que proporcionalmente para o valor do índice (correspondendo a diferentes ponderações). (Kon, 2017, p. 46)

Desta forma, o índice de Herfindahl-Hirschman se presta também a medir a concentração segmental, às semelhanças da firma, substituindo o tamanho do mercado pelo volume total de Valor de Transformação Industrial, e a participação das firmas (tamanho delas) sendo substituídas pelas participações sobre o VTI, das atividades CNAE.

Uma vez encontrado o índice para todas as Regiões Metropolitanas, é importante que seja ponderado pela importância relativa do setor industrial para cada uma, pois uma Região pode estar bastante concentrada, portanto, mais sujeita a crise na Indústria. No entanto, a importância do setor industrial para o valor adicionado da região pode ser pequena, implicando então pouca sensibilidade a crises do setor industrial, não porque sua Indústria não está mais sujeita a crises, mas porque o setor industrial representa pouco para a geração de valor adicionado.

A mesma lógica se aplica a empregos. Um segmento ou poucos segmentos podem concentrar a maior parte do estoque de empregos, mas a importância do setor industrial para a geração de empregos pode ser pouco significativa naquela região.

Olhando por outro ângulo, numa região o emprego e o valor de transformação industrial podem estar bem distribuídos, mas a importância, seja para a geração de empregos como para a geração de valor adicionado, pode ser alta, de forma a ponderar o índice, mantendo-o mais alto.

2.3 Divisão em tercís para os Municípios

Foram divididos, os municípios, em conjunto de tercís, tendo em vista serem 27 municípios. O primeiro tercil são os municípios mais sensíveis a crise. O segundo tercil, os municípios mais relativamente sensíveis (ou os relativamente mais resilientes) e, por fim, os municípios pouco sensíveis (os mais resilientes), de maneira que fosse possível separá-los em grupos de 9 municípios.

3 | RESULTADOS

3.1 Concentração Segmental (CNAE) das Regiões Metropolitanas

Aplicando o índice de Herfindahl-Hirschman sobre os dados do Valor de Transformação Industrial conforme divisões CNAE, tem-se o seguinte ranking:

Regiões Metropolitanas	H- Índice de Herfindahl-Hirschman-VTI
R.M. da Baixada Santista	0,443406925
R.M. de Ribeirão Preto	0,339726071
R.M. de Campinas	0,128063951
R.M. do Vale do Paraíba e Litoral Norte	0,110183350
R.M.de Sorocaba	0,090787869
R.M. de São Paulo	0,086983980

Tabela 6 - Regiões-Concentração do Valor de Transformação Indústria-Produto Adicionado
Fonte: Elaborado pelo autor com base no Valor de Transformação Industrial (2016) - SEADE

Olhando, meramente o índice de Herfindahl-Hirschman puro, as Regiões Metropolitanas mais diversificadas (portanto menos concentradas) são as de São Paulo e Sorocaba e as mais concentradas são as da Baixada Santista e a de Ribeirão Preto, ficando a Região Metropolitana de Campinas em fase intermediária.

Considerando, então, apenas o índice puro, as RMs da Baixada Santista e Ribeirão Preto são as mais propensas a sofrer crise industrial, enquanto as de Sorocaba e São Paulo as menos propensas, pelo fato da diversificação.

Cabe ressaltar que esse quadro pode ser revisto em estudo mais detalhado, em função de os segmentos terem demanda mais ou menos elástica, o que não foi objeto deste estudo, e que seria interessante ser feito em demais estudos, por outros pesquisadores.

Acontece que a importância do segmento industrial para a formação do valor adicionado difere de Região Metropolitana para Região Metropolitana. Cabe observar que aplicando-se o índice pelas ponderações de importância do setor industrial, tem-se o resultado apresentado na tabela 7.

Regiões Metropolitanas	H- Índice de Herfindahl-Hirschman-VTI	Participação do setor industrial na composição do valor adicionado (2017)	Sensibilidade a crise da Indústria
R.M. da Baixada Santista	0,443406925	22,92%	0,101628867
R.M. de Ribeirão Preto	0,339726071	21,54%	0,073176996
R.M. do Vale do Paraíba e Litoral Norte	0,110183350	40,54%	0,04466833
R.M. de Campinas	0,128063951	34,47%	0,044143644
R.M. de Sorocaba	0,090787869	30,09%	0,02731807
R.M. de São Paulo	0,086983980	14,34%	0,012473503

Tabela 7 - Sensibilidade a crise do setor industrial, tendo em conta concentração do valor de transformação industrial e importância da Indústria para o valor adicionado.

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados SEADE

Mesmo ponderando pelas relativas importâncias para a formação do valor adicionado, Sorocaba continua sendo a segunda Região Metropolitana menos sensível a sofrer crises no setor industrial, face à menor concentração, leia-se maior diversificação.

Necessário, agora, ver como isso se comporta com referência aos empregos. Medindo a concentração dos empregos do setor industrial tem-se:

Regiões Metropolitanas	H- Índice de Herfindahl-Hirschman-Empregos Industriais
R.M. de Ribeirão Preto	0,178936041
R.M. da Baixada Santista	0,121922300
R.M. do Vale do Paraíba e Litoral Norte	0,088530662
R.M. de Campinas	0,075174472
R.M. de Sorocaba	0,069798174
R.M. de São Paulo	0,068976228

Tabela 8- Concentração dos Empregos industriais conforme segmentos CNAE-Divisão

Fonte: Elaborado pelo autor com base em dados CAGED-2019

Novamente, olhando-se os números absolutos, também nos empregos industriais, a RMS é a segunda região metropolitana onde os empregos industriais estão mais bem distribuídos.

Agora, é necessário ver se isso se mantém quando se pondera pela importância do emprego industrial no volume total de empregos. Assim tem-se:

Regiões Metropolitanas	H- Índice de Herfindahl-Hirschman-Empregos Industriais	Participação do setor industrial no estoque total de empregos	Sensibilidade a crise da Indústria
R.M. de Ribeirão Preto	0,178936041	22,16%	0,039652227
R.M de Sorocaba	0,069798174	29,45%	0,020555562
R.M. de Campinas	0,075174472	23,67%	0,017793798
R.M. do Vale do Paraíba e Litoral Norte	0,088530662	19,69%	0,017431687
R.M. de São Paulo	0,086983980	12,65%	0,011003473
R.M. da Baixada Santista	0,121922300	3,98%	0,004852508

Tabela 9-Sensibilidade a crise do setor industrial tendo em conta a concentração e importância relativa dos empregos industriais

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados CAGED

Agora, pode-se perceber que, embora na tabela 9 a RMS apresente a segunda melhor distribuição dos empregos pelos setores industriais, a grande importância do emprego industrial para a Região a coloca na segunda mais sensível a crise no setor industrial. Essa é uma informação importante para se perceber a alta dependência dos empregos industriais na composição dos empregos locais.

Aplicando-se o critério aleatório, que é uma razoável aproximação até que haja estudos sobre os multiplicadores locais, foi atribuído peso de 60% do impacto do valor de transformação industrial-valor adicionado e 40% de impacto dos empregos, afetando a “maior ou menor sensibilidade a crises”.

Cabe ressaltar mais uma vez que se está chamando de “sensibilidade” a probabilidade de a região metropolitana sofrer uma crise do setor industrial e sentir os efeitos em função da concentração-distribuição do valor de transformação industrial e dos empregos industriais, ponderada por sua importância relativa para ela. Tem-se então:

Regiões Metropolitanas	Sensibilidade a crise da Indústria -VTI -Peso 60%	Sensibilidade a crise da Indústria -empregos - Peso 40%	Sensibilidade final -Ponderada
R.M. da Baixada Santista	0,101628867	0,004852508	0,062918323
R.M. de Ribeirão Preto	0,073176996	0,039652227	0,059767088
R.M. do Vale do Paraíba e Litoral Norte	0,04466833	0,017431687	0,033773673
R.M. de Campinas	0,044143644	0,017793798	0,033603705
R.M. de Sorocaba	0,02731807	0,020555562	0,024613067
R.M. de São Paulo	0,012473503	0,011003473	0,011885491

Tabela 10 - Ranking geral das Regiões mais e menos sensíveis a sofrer crises na Indústria e seus efeitos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se pode ver, a Região Metropolitana de Sorocaba está menos propensa a sofrer uma crise na Indústria e sentir seus efeitos, perdendo só para a RM de São Paulo, em termos de diversificação, embora uma atenção especial seja necessária no que tange à composição dos empregos.

4 | ATENÇÃO ESPECIAL PRECISA SER DADA A ALGUNS MUNICÍPIOS DA RM DE SOROCABA

4.1 Os municípios com grande sensibilidade-risco a crise na Indústria.

Os 9 municípios mais sujeitos a crise na Indústria seguem:

Municípios mais sensíveis a crise na Indústria	Índice de sensibilidade	Situação
Alumínio	0,588935131	Alerta
Mairinque	0,191023439	
Sarapuí	0,154644829	
Ibiúna	0,147958970	
Araçoiaba da Serra	0,143215108	
Jumirim	0,139037399	
Salto de Pirapora	0,136920204	
Cesário Lange	0,121872425	
Boituva	0,111376462	

Tabela 11 - Municípios sensíveis a crise - motivo de alerta

Fonte: Elaborado pelo autor.

Todas as cidades desse tercil são sensíveis a crise na Indústria, lembrando que essa sensibilidade pode ser lida como maiores chances de sofrer com uma crise na Indústria, ao mesmo tempo, também, de sofrer maior risco a que uma crise ocorra.

Porém dentre os nove municípios, o de Alumínio é o mais problemático de todos eles. Com alta dependência da Indústria e alta concentração em um mesmo segmento, o que significa que uma crise nesse segmento seria muito complicada para o município.

Assim todos esses nove precisam conhecer melhor suas potencialidades, rever a legislação de atração de novas Indústrias, com critérios claros e impessoais aumentando inclusive a confiança e segurança jurídica dos empreendedores industriais.

Além disso, necessitam pensar com igual rigor a possibilidade de gerar uma “desindustrialização planejada” do município, pensando em ofertar condições competitivas para que se expanda o setor de serviços, inclusive, os de alto valor adicionado.

Enfim, o planejamento econômico do município não pode se fiar apenas nas análises técnicas e econômicas para o ordenamento do solo, há a necessidade de se olhar com muita atenção as políticas econômicas do município tendo em vista o grau de dependência e concentração de atividades econômicas.

4.1.1 *Os municípios relativamente mais sensíveis a crise na Indústria ou os relativamente mais resilientes a crise*

O segundo tercil de municípios da Região Metropolitana de Sorocaba é aquele onde estão os municípios que são relativamente sensíveis a crise na Indústria. Olhando por outro lado, são aqueles que possuem alguma resiliência, seja porque têm pouca participação da Indústria na geração de valor adicionado, mas ao mesmo tempo têm os segmentos concentrados, seja porque têm importante participação da Indústria no valor adicionado, mas uma razoável distribuição entre os segmentos, o que ameniza essa importância, porém, a distribuição não é boa o suficiente para estar no tercil dos menos sensíveis a crise na Indústria. Pode-se observar a tabela abaixo e depois apontar algumas considerações sobre políticas públicas.

Municípios relativamente mais sensíveis	Índice de sensibilidade	Municípios relativamente mais resilientes	Índice de sensibilidade ³	situação
Cerquilha	0,089664923	Ipero	0,048652462	
Alambari	0,08953834	Itapetininga	0,050119213	O
Tapiraí	0,073587211	Piedade	0,054483453	B
Araçariçuama	0,071928279	Tatuí	0,060770514	S
Tietê	0,071131434	Tietê	0,071131434	E
Tatuí	0,060770514	Araçariçuama	0,071928279	R
Piedade	0,054483453	Tapiraí	0,073587211	V
Itapetininga	0,050119213	Alambari	0,08953834	A
Ipero	0,048652462	Cerquilha	0,089664923	R
COMPREENDER		AÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS		PLANEJAR

Tabela 12 - Municípios relativamente sensíveis a crise- ou relativamente mais resilientes

Fonte: Elaborado pelo autor

Em destaque o “observar”, pois é preciso observar a importância do valor adicionado e a concentração dos segmentos, compreender o que os fazem relativamente frágeis ou relativamente mais resilientes quando comparados com os do primeiro tercil e planejar políticas públicas consistentes, na política industrial, no sentido de criar instrumentos legislativos com critérios claros e que promovam a diversificação. Também pensar, sem prejuízo da política de diversificação na Indústria, políticas públicas consistentes e claras de “desindustrialização planejada”, promovendo o progresso dos demais setores, no sentido de potencializar ainda mais à resistência a crise.

4.1.2 *Municípios pouco sensíveis a crise na Indústria, ou os mais resilientes*

Esses municípios são mais resilientes a crise na Indústria porque combinam pequena participação da Indústria no valor adicionado, mas com uma certa distribuição na Indústria local ou, como no caso de Itu, Sorocaba, Porto Feliz, onde a Indústria é um importante gerador de riqueza e empregos, mas já possuem uma diversidade de segmentos que os capacita, suficientemente, para estar no grupo de menos sensíveis, ou seja, mais resilientes a crise na Indústria.

Os municípios menos sujeitos a crise na Indústria são:

Municípios mais resilientes à crise na Indústria	índice de Sensibilidade	
Pilar do Sul	0,022022216	P
Itu	0,029716965	E
São Roque	0,031572436	S
São Miguel Arcanjo	0,033269404	Q
Sorocaba	0,035651828	U
Salto	0,036433449	I
Porto Feliz	0,043730298	S
Capela do Alto	0,048125592	A
Votorantim	0,048430141	R

DESENVOLVER POLÍTICAS ESTRUTURANTES E IRRADIADORAS

LIDERAR O DESENVOLVIMENTO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SOROCABA

Tabela 13 - Municípios mais resilientes a crise na Indústria.

Fonte: Elaborado pelo autor

No conjunto dos municípios mais resilientes a crise na Indústria, tem-se, como já mencionado, Pilar do Sul, cuja importância agrícola é, notadamente, superior à industrial para a economia local, entretanto, a Indústria tem uma certa diversificação.

Cabe notar que Pilar do Sul não é a maior produtora agrícola da Região, reservando-

se essa produção, em termos de toneladas, a Piedade e Ibiúna, porém, a situação mais favorável de Pilar do Sul, face ao conjunto agricultura-Indústria, pode trazer elementos importantes para a gestão de políticas públicas nesses outros municípios agrícolas.

O mesmo acontece com Itu. A produção de valor de transformação industrial em Sorocaba é muito superior ao de Itu, mas em termos de resiliência a crise na Indústria, Itu supera, justamente, por ter uma diversificação-distribuição melhor. Então Itu também tem muito a colaborar com informações sobre essa situação mais confortável, independente de ela ter sido planejada ou ser conjuntural.

Por outro lado, essa situação mais confortável permite a esses municípios também pensarem em políticas públicas mais estruturantes e que se irradiem para a Região Metropolitana de Sorocaba como um todo.

Essa situação mais confortável, ao ver deste autor, traz consigo também a responsabilidade moral de colaborar e liderar o processo de desenvolvimento da Região Metropolitana de Sorocaba, sem prejuízo do direito à participação igualitária dos membros, nos termos da legislação.

Além do que, nesse grupo está Sorocaba. A cidade mais metropolitana, a única com população acima de 200.000 habitantes (estimativa SEADE, da população para 2020 é de 658.547 habitantes).

Sorocaba, não só por ser a cidade sede da Região Metropolitana, é onde se concentra o maior número de Instituições de Ensino Superior, tendo a Faculdade de Tecnologia José Crespo Gonzales, a FATEC Sorocaba, a faculdade de tecnologia mais tradicional do Centro Paula Souza (a primeira que foi criada e que, neste ano completou 50 anos), a Universidade de Sorocaba-UNISO, a Universidade Paulista Júlio Mesquita Filho – UNESP; a Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba-UFSCAR Sorocaba, a UNIP – Universidade Paulista, o Instituto Federal São Paulo-IFSP - Campus Sorocaba; a tradicional Faculdade de Engenharia de Sorocaba – FACENS, Faculdade Anhanguera, Faculdade Ipanema e, ainda, outros inúmeros polos regionais de Ensino Superior semipresencial. Portanto, é o grande celeiro de pesquisas que podem contribuir com o desenvolvimento da Região Metropolitana de Sorocaba.

Sorocaba, também abriga o Parque Tecnológico e tem na estrutura administrativa de sua Prefeitura, a Secretaria de Relações Institucionais e Metropolitanas, cujo objetivo é: “a gestão e acompanhamento das ações do Poder Executivo junto ao Poder Legislativo, às demais esferas de Poder no âmbito Estadual e Nacional, notadamente com as da Região Metropolitana de Sorocaba.” (SOROCABA, 2017).

É em Sorocaba que também está sediada a AGEM-SOROCABA, que “tem por finalidade integrar a organização, o planejamento e a execução das funções públicas de interesse comum da Região Metropolitana de Sorocaba” (SÃO PAULO, 2015).

Destarte, cabe ao município de Sorocaba liderar o processo., mas não só a Sorocaba.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Região Metropolitana de Sorocaba, de acordo com a nossa metodologia adotada, se mostrou a segunda região metropolitana mais resiliente a crises, ou falando de outra maneira, a segunda menos sujeita-sensível a sofrer crises no setor industrial face à diversidade e distribuição dos segmentos industriais, só perdendo para a Região Metropolitana de São Paulo.

No entanto, olhando para dentro da Região Metropolitana de Sorocaba, encontram-se municípios muito sensíveis a crise na Indústria, em especial os municípios de Alumínio e Mairinque, entre outros do primeiro tercil. Para esses, urge políticas de diversificação industrial ou a elaboração de políticas públicas de “desindustrialização planejada”.

No segundo tercil, estão os municípios relativamente mais resilientes a crises. Nesses, cabe estudar a elaboração de políticas públicas de fomento e diversificação industrial, assim como entender melhor essa força-fraqueza relativa.

E no terceiro tercil, os municípios resilientes a crise na Indústria. Alguns deles porque a participação da Indústria no valor adicionado e nos empregos é pequena, mas, em outros, o setor industrial tem grande importância, como é o caso de Sorocaba, Itu e Porto Feliz, porém encontram-se no tercil dos mais resilientes-ou menos sujeitos a crise na Indústria- justamente pela diversificação.

Cabe a esses municípios em situação mais “evoluída” industrialmente ocupar posição de liderança no planejamento de uma política industrial e econômica que fortaleça a diversificação industrial e setorial, bem como desenvolver novos estudos e boas práticas de fomento econômico que se irradiem para os demais municípios.

Sorocaba, por ser e o único município da RMS com mais de duzentos mil habitantes (hoje com aproximadamente setecentos mil), e ser a sede da Região Metropolitana, não pode prescindir de ser o líder do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Sorocaba. Além disso, o fato de reunir em seu território as mais importantes instituições de ensino e pesquisa da região e de ser a cidade mais urbana e de maior densidade, é mais um motivo para se preocupar com o planejamento face à correlação entre densidade urbana e ilícitos.

Nesses desafios todos, também é em Sorocaba que está sediada a AGEM-SOROCABA - Agência Metropolitana de Sorocaba, que tem e continuará tendo não só responsabilidade como importância fundamental para o planejamento regional.

Caberá a ela a articulação dos agentes políticos: deputados, prefeitos, vereadores, lideranças, na condução de uma concertação que mitigue as fraquezas da Região e potencialize suas forças e que busque colaborar com o bem-estar dos seus cidadãos.

A Academia tem e terá por incumbência das suas obrigações com pesquisa e extensão contribuir, naquilo que puder, para o bom desenvolvimento da Região Metropolitana de Sorocaba. O desenvolvimento desta pesquisa, dentro das suas naturais limitações,

buscou contribuir para ratificar esse maior objetivo, ao entregar uma Contribuição à AGEM-Sorocaba.

REFERÊNCIAS

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA- CNI – **Perfil da Indústria Brasileira**. A importância da Indústria de Transformação para o Brasil. (Flyer); mar. 2020. São Paulo: CNI, 2020. Disponível em file:///C:/Users/Francisco/OneDrive%20-%20Fatec%20Centro%20Paula%20Souza/RJI%20-%20Industria/Relatório%20Técnico/flyer_a_importancia_da_industria_no_brasil_transformacao_marco_2020.pdf Acessado em 27 abr. 2020.

FUNDAÇÃO SEADE. **Informações dos Municípios Paulistas**. Disponível em IMP - Informações dos Municípios Paulistas (seade.gov.br)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

KON, Anita. **Economia industrial**: teoria e estratégias. Rio de Janeiro: Alta Books, 2017

KORZYBSKI, Alfred. **Science and sanity**. An introduction to non-aristotelian systems and general semantics. Lakeville, Connecticut: The International Non-Aristotelian Library Publishing Company, 1958.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. – **CAGED** -Cadastro geral de empregados e desempregados.

RIBEIRO, F.C. **Hayek e a teoria da informação**. Uma análise epistemológica. São Paulo: Annablume, 2002.

RIBEIRO, F.C. **Compreendendo a concentração industrial da Região Metropolitana de Sorocaba e de suas cidades para a gestão de políticas públicas de desenvolvimento**. Uma contribuição para a Agência Metropolitana de Sorocaba. Relatório de Pesquisa. Centro Paula Souza-Comissão Permanente de Regime de Jornada Integral-Faculdade de Tecnologia José Crespo Gonzales-Fatec Sorocaba. Sorocaba:2020.

RIBEIRO, F. C. et al. Indústria da Região Metropolitana de Sorocaba. Uma análise de vulnerabilidade setorial. In: **Ciclo de Debates em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia**, 17. 2019, São Paulo. Ciclo de Debates em Economia Industrial Trabalho e Tecnologia, 17. São Paulo: EEIT-PUC-SP, 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Accountability 113, 115, 116, 117, 121, 122, 125, 127, 133, 135

América Latina 1, 2, 4, 7, 8, 9, 10, 115, 116, 132, 136, 139

B

Brasil 2, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 39, 65, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 89, 93, 98, 99, 110, 118, 127, 128, 130, 131, 137, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 162, 163, 168, 169, 174

Burocracia 53, 54, 57, 58, 63, 68, 75

C

Capitalismo 3, 17, 19, 55, 56, 57, 59, 63, 129, 133, 162, 170

Carajás 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164

China 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55

Colômbia 10, 11

Colonialidade 1, 2, 3, 8, 9

Conflitos 42, 43, 50, 79, 92, 135, 138, 153, 154, 155, 156, 158, 161, 162, 163

Controle social 4, 40, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 137

D

Democracia 5, 8, 37, 38, 39, 74, 75, 115, 118, 138, 141, 142, 143, 144, 145

Desigualdade 3, 6, 101, 130, 133, 135, 148, 168, 173, 174

Discurso 4, 6, 8, 10, 35, 37, 132, 133, 141, 142, 143, 144, 145

E

Educação básica 128, 129, 131, 134, 136

Eleições 44, 48, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 92, 93, 116, 144

Elite 2, 4, 6, 10, 11, 148, 150, 151

Estado 2, 3, 4, 5, 7, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 18, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 44, 47, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 65, 69, 73, 74, 76, 81, 82, 93, 97, 98, 99, 114, 115, 117, 118, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 161, 162

Estado de exceção 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152

Estados Unidos 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 78, 137

Executivo 68, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 108, 138, 151, 154

G

Gênero 3, 132, 165, 166, 167, 169, 171, 173, 174, 175

Globalização 1, 4, 5, 6, 8, 35, 133, 170

Golpe 146, 147, 149, 150, 151, 152

Governo 7, 20, 21, 23, 24, 27, 29, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 63, 66, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 112, 113, 117, 135, 137, 138, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 154, 167

Guerra 22, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 48, 137

I

Independência 8, 41, 45, 46, 47, 49, 90

Instituições 1, 2, 4, 5, 24, 26, 28, 29, 48, 49, 54, 65, 66, 70, 73, 76, 108, 109, 113, 115, 116, 126, 132, 135, 137, 138

Intersetorialidade 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 124, 126, 127

Intervenção 31, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 46, 89, 126, 129, 136

Iraque 31, 35, 36, 37, 38, 39

J

Jovem aprendiz 165, 166, 167, 171, 172, 173, 174

Justiça 8, 23, 146, 147, 148, 151, 159, 171

L

Legislativo 77, 78, 79, 80, 81, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 108, 135, 151

Legitimidade 1, 3, 7, 53, 54, 55, 56, 62

M

Mcdonaldização 53, 55, 59, 60, 61, 62, 63

Mentalidade 7, 10, 11, 34

Mercado de trabalho 24, 26, 27, 74, 117, 129, 165, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 174

Mineração 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163

Modernidade 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 53, 54, 55, 56, 63, 64

Movimentos sociais 115, 116, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 154, 171

O

Ódio 141, 142, 143, 144, 145, 149, 150

ONG 136, 137, 166

ONU 24, 29, 36, 42, 45, 46, 52, 173, 175

P

Participação 7, 24, 27, 28, 29, 57, 62, 63, 73, 81, 91, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 118, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 131, 133, 134, 138, 141, 142, 143, 144, 145, 165, 166, 169, 170, 172, 173, 174

Poder(es) 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 32, 35, 36, 37, 41, 43, 44, 48, 49, 56, 58, 63, 67, 77, 78, 79, 86, 88, 89, 90, 94, 108, 115, 131, 133, 138, 141, 142, 143, 146, 147, 149, 152, 156, 170

Polarização 82, 141, 142, 143, 144, 145

Políticas públicas 20, 21, 29, 53, 69, 73, 76, 89, 95, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 131, 137, 138, 139, 175, 176

R

Racionalidade 3, 53, 60, 62

Reformas administrativas 65, 66, 69, 71, 73, 76, 83

Refugiado(s) 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30

Refúgio 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30

Regime internacional 20, 21

S

Saúde 21, 24, 25, 26, 27, 29, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 132, 133, 136, 139, 144, 148, 153, 171

Sociedade 1, 6, 7, 21, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 43, 50, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 69, 74, 75, 92, 114, 115, 118, 124, 126, 127, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 163, 165, 176

SUS 13, 16, 17, 112, 113, 114, 115, 116, 122, 125, 126, 127

T

Taiwan 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Terceiro setor 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

V

Veja 31, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 134

W

Weber 17, 19, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 94

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ciência Política: Poder e Establishment

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Ciência Política: **Poder e Establishment**